



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS
CULTURAIS**

Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais

LUCIANA COSTA MARTINELLI

**MEMÓRIAS DA AÇORIANIDADE NA LITERATURA
FANTÁSTICA DE SANTA CATARINA**

Canoas, 2024

MEMÓRIAS DA AÇORIANIDADE NA LITERATURA FANTÁSTICA DE SANTA CATARINA

LUCIANA COSTA MARTINELLI

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientação: Prof(a). Dr(a). Lúcia Regina Lucas da Rosa [1]

[1] Doutora em Letras (UFRGS). É docente e coordenadora do curso de Letras na Universidade La Salle (UNILASALLE), atuando também no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da mesma universidade.

LUCIANA COSTA MARTINELLI

MEMÓRIAS DA AÇORIANIDADE NA LITERATURA FANTÁSTICA DE SANTA CATARINA

Dissertação aprovada para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, da Universidade La Salle.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Everton Vinicius de Santa
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC

Prof^a. Dr^a. Cleusa Maria Gomes Graebin
Universidade La Salle, Canoas/RS

Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Borges
Universidade La Salle, Canoas/RS

Prof^a. Dr^a. Lúcia Regina Lucas da Rosa
Orientadora e Presidente da Banca - Universidade La Salle, Canoas/RS

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais
Curso: Mestrado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 06 de junho de 2024.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M385 Martinelli, Luciana Costa.
 Memórias da açorianidade na literatura fantástica de Santa Catarina
 [manuscrito] / Luciana Costa Martinelli. – 2024.
 62 f.

 Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) –
 Universidade La Salle, Canoas, 2024.
 “Orientação: Profa. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa”.

 1. Açorianidade. 2. Literatura catarinense. 3. Literatura fantástica. 4.
 Memória coletiva. I. Rosa, Lúcia Regina Lucas da. II. Título.

CDU: 316.7

Bibliotecário responsável: Lucas de Oliveira Santos - CRB 10/2839

AGRADECIMENTOS

Finalizar toda a escrita dessa dissertação de mestrado não foi tarefa fácil. Mas chegar até aqui, exigiu a cooperação e o apoio de algumas pessoas. Por isso, gostaria de começar os agradecimentos me direcionando ao meu Deus Onipotente. Ele que me conduz e me dá forças para enfrentar novos desafios com perseverança e dedicação. Ele que é a razão do meu viver. O Deus da vida!

Gostaria de agradecer, também, ao meu esposo e meu filho, meus amores e maiores incentivadores para ter iniciado nessa jornada e nunca deixaram que eu desanimasse ou desistisse. Obrigada pela paciência e pelo carinho de todos os dias.

Gratidão a toda minha família irmãs, cunhados, cunhada, sogra, sogro por não deixarem que eu desistisse nos momentos de dificuldade e por acreditarem que eu ainda poderia contribuir, de alguma forma, com a educação depois desses mais de 30 anos de carreira.

Não poderia deixar de agradecer às colegas e parceiras de mestrado que compartilharam seu tempo umas com as outras para que ninguém ficasse pra trás nessa caminhada. Em especial agradeço a minha grande amiga Simone pelo carinho, pelo cuidado e por ter sempre uma palavra positiva, mesmo em tempos difíceis.

E, claro, não poderia deixar de agradecer a minha mãe (in memoriam). Meu maior exemplo de profissional dentro da educação e minha maior inspiração. Sem ela, eu não teria chego até aqui. E eu tenho certeza que estaria muito orgulhosa e feliz por eu ter feito o mestrado.

E, finalmente, quero agradecer à professora Lucia, minha orientadora, por acreditar nas minhas ideias e por me incentivar a continuar com elas mesmo quando eu quis abandonar tudo. Obrigada, Professora, por compartilhar os seus saberes e o seu encantamento pela literatura.

Enfim, gratidão por ter tido, aos 50 anos de idade, coragem para enfrentar mais um desafio. Gratidão!

“Eu sempre achei todas as coisas que recolhi pelo interior da ilha muito fabulosas. O modo de contar das pessoas, que contam como se estivessem assustadas. Isso quando contam coisas de assombração. Isso eu também vi quando estive em 1979 em açores, na Ilha da Madeira (sic). Eu cheguei a uma praia onde estavam reunidos muitos pescadores consertando redes, fazendo embarcações, aquela coisa. Então pedi licença, com o meu gravador, e eles contaram suas histórias assustados. Um deles me disse o seguinte, era até um rapaz moço, 33 anos, tenho essa fita lá na Universidade: “Eu tenho 3 miúdos”, disse ele, eles chamam as crianças de miúdos. “Eu tenho medo de falar, eu tenho medo porque as bruxas podem acontecer aos meus miúdos. Apesar de no portão da minha casa ter uma ferradura de cavalo.” Isso também acontecia aqui na Ilha. Pessoas que contavam, mas que tinham um certo receio de sofrer depois alguma vingança da bruxa, do lobisomem ou do boi-tatá. Por isso eles contavam assim meio assustados”.

(Franklin Cascaes)

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido no Curso de Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle na linha de pesquisa em Memória e linguagens culturais. Esta dissertação é um estudo sobre a memoriada açorianidade, a partir da produção literária da obra *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes e possibilidades de atividades na Educação Básica.

O objetivo deste trabalho é aproximar o professor da Educação Básica do sul de Santa Catarina das memórias da açorianidade à literatura por meio de estudos dos textos de Franklin Cascaes. A problemática que queremos evidenciar é como a memória da açorianidade do sul de Santa Catarina pode ser representada em textos literários para estudo na Educação Básica? Nessa perspectiva, a metodologia é uma abordagem qualitativa, através do estudo biográfico sobre Franklin Cascaes e sua obra. Justifica-se a pesquisa pela importância de trabalhar a literatura catarinense, fundamentada em autores do campo de estudos em memória e literatura.

Palavras-chave: Açorianidade, literatura catarinense, literatura fantástica, memória coletiva.

ABSTRACT

This work was developed in the Master's Course in Social Memory and Cultural Assets at La Salle University in the line of research in Memory and cultural languages. This dissertation is a study on the memory of Azoreanity, based on the literary production of the work *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*, by Franklin Cascaes and possibilities of activities in Basic Education.

The objective of this work is to bring the Basic Education teacher in the south of Santa Catarina closer to the memories of Azoreanity and literature through studies of texts by Franklin Cascaes. The problem we want to highlight is how the memory of Azoreanity in the south of Santa Catarina can be represented in literary texts for study in Basic Education? From this perspective, the methodology is a qualitative approach, through the biographical study of Franklin Cascaes and his work. The research is justified by the importance of working on Santa Catarina literature, based on authors from the field of memory and literature studies.

Keywords: Azoreanity, Santa Catarina literature, fantastic literature, collective memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa entre o Arquipélago dos Açores e Santa Catarina	21
Figura 02: Desenho da distância entre Arquipélago dos Açores e Santa Catarina	21
Figura 03: A artesã Dona Picurra confeccionando chapéus de palha	27
Figura 04: O Índio e a Bruxa	28
Figura 05: A Boneca e a Bruxa	28
Figura 06: Fachada do Cesa Restaurante em Morro dos Conventos	31
Figura 07: Parte interna do Cesa Restaurante em Morro dos Conventos	32
Figura 08: Parte interna do Cesa Restaurante em Morro dos Conventos	32
Figura 09: Parte interna do Cesa Restaurante em Morro dos Conventos	32
Figura 10: Capa do livro “Do Pino do Meio-dia à Meia-noite Velha”	36
Figura 11: Causo “As Bruxas de Ilhas”	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Catálogo teses e dissertações	41
Quadro 02: Google Acadêmico	43

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACT – Admitido em caráter temporário
AMESC – Associação dos municípios do extremo sul catarinense
APAE – Associação de Pais e amigos dos Excepcionais
CAPES –Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEI – Centro de Educação Infantil
CRE – Coordenadoria Regional de Educação
E.E.B.A – Escola de Educação Básica de Araranguá
E.E.B. – Escola de Educação Básica
LDB – Lei de Diretrizes e Bases
MI – Memória Institucional
MO – Memória organizacional
PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SC – Santa Catarina
SciELO - ScientificElectronic Library Online
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNISUL -Universidade do Sul de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	112
1.1 QUESTÃO DE PESQUISA	12
1.1.2 OBJETIVOS	13
1.1.3 JUSTIFICATIVA	14
1.1.4 METODOLOGIA DE PESQUISA	15
1.2 Memorial	15
1.3 CONTEXTO	20
1.3.1 Conceito de Açorianidade através dos Tempos	23
1.3.2 A AÇORIANIDADE NO ARTESANATO DO VALE DE ARARANGUÁ	24
1.3.3 A alimentação açoriano-catarinense no livro <i>O Fantástico na Ilha de Santa Catarina</i> e a memória organizacional no Cesa Restaurante da Praia do Morro dos Conventos em Araranguá	29
1.3.4 Do Pino do Meio-dia à Meia-noite Velha	34
2 BASES CONCEITUAIS	37
2.1 MEMÓRIA SOCIAL E SEUS DESDOBRAMENTOS	47
2.1.1 A NARRATIVA AÇORIANA DE FRANKLIN CASCAES	49
2.2 Análise a partir da perspectiva da Memória Institucional	51
3 PROPOSTA DO PRODUTO FINAL	54
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

O papel da colonização açoriana não se limita ao registro ou à manutenção pura e simples da herança ibérica, repetindo o que é consagrado pela memorabilidade. É um contínuo processo de criação que teve nas tradições do povo a fonte de inspiração, inovando, fermentando e revivificando num constante desafio que faz desta terra um caminho para o amanhã de novas gerações marcadas agora e sempre pelos ecos de um percurso secular e sobrevivente.

Ao falar sobre esta presença açoriana em Santa Catarina, é importante ressaltar que cada uma das expressões culturais e históricas cumpre o papel de registrar a memória coletiva – uma colcha tecida com o fio da esperança, de saudades e quimeras de muitas outras gerações, entrelaçadas no tempo e no espaço ao longo de 257 anos.

A literatura, especialmente a produzida por Franklin Cascaes, que reuniu contos fantásticos com expressões peculiares dos açorianos, propiciou um reconhecimento identitário entre os habitantes do litoral de Santa Catarina. Carregados de crenças, rezas, benzeduras, bruxas, boitatás e lobisomens, fazem-nos transcender numa viagem na qual o imaginário se aglutina com lembranças narradas por gerações durante décadas. Registradas entre 1946 e 1975, reproduzem traços do inconsciente popular na área da fantasmagoria, relatando casos de crenças em bruxas, a cujos malefícios, sujeitos de muitas gerações debitaram à agressividade de fenômenos naturais, deficiências na área da saúde e anomalias hereditárias. Cascaes valeu-se, amplamente, de diálogos travados entre falantes analfabetos ou semi-alfabetizados do século XX. Ele se empenhou por reproduzir os principais traços do falar dos açoriano-catarinenses.

Os textos revelam que Cascaes foi observador atento dos aspectos culturais de sua gente. Ele soube tratá-la com criatividade e esmero e produziu textos portadores de traços sociológicos, linguísticos e literários de grande interesse e capazes de cativar o leitor. Vale lembrar que todo o acervo deixado pelo artista encontra-se hoje no Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, da UFSC, numa coleção que leva o nome de sua esposa, a Professora Elizabeth Pavan Cascaes.

Este trabalho final apresenta uma pesquisa que se caracteriza como qualitativa, com abordagem descritiva e interpretativa subsidiada nas teorias

referentes aos estudos sobre memória social, memória individual, coletiva e afetiva, memória institucional, literatura catarinense e literatura fantástica. Sendo assim, traremos o aporte de alguns teóricos: Maurice Halbwachs (1990), Michael Pollak (1992), Joel Candau (2014), Antônio Cândido (2000), Celestino Sachet (2012), Stuart Hall (2005), Costa (1997), Andrade (2002), Todorov (2012) que fundamentaram este trabalho.

1.1 Questão de Pesquisa

Para se trabalhar a literatura, ser professor “é estar-se sempre em questionamento” (RITER, 2009, p. 66), e segundo Hélder Pinheiro (apud RAMOS; CORSO, 2010, p. 36), ele tem que ser um leitor que tenha experiência, esteja atento aos interesses dos alunos.

E como diz Todorov (apud BARRANCO, 2007, p.56),

Deve-se partir de textos em que haja um interesse evidente para os alunos e ir progressivamente para textos mais distantes, de mundos que lhes sejam mais estranhos. E falar do que falam os livros e não só do livro: [...] os alunos podem se reconhecer nas histórias de identidade, amor, depressão ou violência que os livros contam.

O professor tem a responsabilidade de manter viva a motivação à leitura, e de compreender os mecanismos que regulam o seu ensino.

Assim, trazemos a seguinte questão de pesquisa: Como a memória da açorianidade do sul de Santa Catarina pode ser representada em textos literários para estudo na Educação Básica?

1.1.2 Objetivos

De acordo com a questão de pesquisa apresentada, traço os objetivos a seguir.

Objetivo Geral

Aproximar professores da Educação Básica do Sul de Santa Catarina das memórias de açorianidade à literatura por meio de estudos dos textos de Franklin Cascaes.

Objetivos Específicos

Identificar a aproximação dos contos da obra *O Fantástico da Ilha de Santa Catarina* com as memórias afetivas dos Professores da Educação Básica do vale de Araranguá.

Desenvolver o gosto pela leitura na comunidade educativa através da aproximação dos textos literários de Franklin Cascaes com as memórias culturais coletivas da região do vale de Araranguá.

Revitalizar a memória da açorianidade do sul de Santa Catarina tornando essa literatura mais conhecida em Araranguá - SC.

1.1.3 Justificativa

Entendendo a literatura na educação básica e sua importância na construção do aluno leitor, o primeiro ponto a ser considerado é entender a leitura como atividade cujos sentidos se delineiam com base nas vivências empreendidas nos grupos sociais e na ativação de diferentes funções psíquicas.

Visto que, como um processo de interação entre leitor e autor por meio do texto, o ato de ler envolve tanto uma dimensão relacionada ao desenvolvimento de processos psíquicos quanto uma dimensão histórica e cultural que diz respeito à consolidação de vivências que se dão nas interações intersubjetivas (CERUTTI-RIZZATTI; DAGA; CATOIA DIAS, 2014).

Com base nisso, trabalhar a literatura catarinense com professores e alunos da Educação Básica é oferecer-lhes a oportunidade de entrar em contato com um autor que traz a cultura açoriana com suas histórias fantásticas de bruxas e benzedeadas e muitos outros elementos culturais. Esses rememorados de geração em geração, os quais constroem atributos da chamada açorianidade, ou seja, identidade construída junto aos catarinenses remetendo à chegada e ocupação de parte do território de Santa Catarina, vindos das ilhas do arquipélago dos Açores durante o século XVIII.

A literatura precisa ser contemplada, de modo a se “[...] reconhecer eticamente que a experiência estética se justifica pela possibilidade de uma vida que se humanize ao transcender o imediato, ainda que não resulte em prazer ou felicidade [...]” (BRITTO, 2015, p. 14).

O trabalho com a literatura precisa priorizar a vivência intensa dos estudantes com o texto literário. E a obra de Franklin Cascaes traz uma tangibilidade entre o

imaginário e o irreal com as memórias oriundas da colonização açoriana que é o grande movimento para o início do estudo da Literatura na sala de aula das escolas do vale de Araranguá.

Nessa perspectiva, o produto final deste Mestrado é a proposta de uma capacitação com os professores de língua portuguesa dos 9ºs anos da rede estadual de ensino na cidade de Araranguá. A Oficina de capacitação se valerá das memórias da cultura açoriana, presente nas produções literárias de Santa Catarina e tendo como referencial a obra *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina* de Franklin Cascaes, transpondo-as para a sala de aula da Educação Básica.

1.1.4 Metodologia da Pesquisa

Desde o seu nascimento o homem interage com a natureza e os objetos ao seu alcance, observando as relações sociais e culturais no meio em que vive. E é através dessa observação e da sua interação com as pessoas e os objetos que o homem adquire conhecimento.

De acordo com Fonseca (2002, p. 10)

“O homem é, por natureza, um animal curioso. Desde que nasce interage com a natureza e os objetos à sua volta, interpretando o universo a partir das referências sociais e culturais do meio em que vive. Apropria-se do conhecimento através das sensações, que os seres e os fenômenos lhe transmitem. (FONSECA, 2002, p. 10)

Nessa perspectiva, a metodologia foi uma abordagem qualitativa, através do estudo biográfico do autor e sua obra.

1.2 Memorial¹

Segundo Candau (2014, p. 34), “cada um de nós tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas.” Assim, vou buscar dentro de mim as

¹Esta seção está escrita em Primeira Pessoa do Singular a fim de aproximar mais a autora dos leitores.

memórias da minha vida profissional, preenchendo os espaços com a minha identidade.

Minha mãe era uma mulher admirável. Trabalhava o dia inteiro na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Araranguá-SC e ainda participava ativamente na igreja. Meu pai era caminhoneiro e ela cuidava sozinha de mim e de mais 3 irmãs. Então falar de trabalho é muito fácil. Pois cresci vendo meus pais trabalharem arduamente para nos criar. A influência da minha mãe na escolha para eu trabalhar como professora foi imprescindível. Eu tinha 16 anos e já havia feito mais de seis anos de curso de inglês, na Escola de Idiomas FISK, em Araranguá. Foi então que a minha professora, que também era dona da escola de inglês, convidou-me para dar aula para as turmas de iniciantes. Achei a ideia tentadora e aceitei. Afinal, conhecia muito bem a rotina de um professor. E eu me tornava uma a partir daquele momento. Foi desafiador, mas também foi uma experiência muito emocionante. Nesse momento, eu estava cursando o 2º ano do Magistério pela manhã e lecionava inglês para duas turminhas duas vezes por semana à tarde. Foi aí que comecei a ganhar meu próprio dinheiro. Trabalhei até 1998 nessa escola de inglês.

Apesar de ser filha de professora e conhecer a rotina exaustiva, quem me ensinou muito em como dar aula foram minhas professoras Célia Belizária de Souza e Leila Karina de Oliveira. Com elas aprendi e me apaixonei pela língua inglesa. Carrego muito na minha prática, marcas de como elas costumavam trabalhar e agir. O que realmente incentivou-me a começar a dar aula tão cedo, foi a possibilidade de ter um trabalho e meu próprio dinheiro. Afinal, a situação nem sempre era fácil. Assim que eu concluí o Ensino Médio, comecei a trabalhar também em duas escolinhas de Educação Infantil para dar aulas de inglês para as turminhas do Jardim e Pré-escolar. Era o CEI Moranguinho e o CEI Balão Mágico. Foi um período de muita aprendizagem também. Afinal era uma nova experiência com crianças entre 4 e 6 anos de idade.

Nesse início de caminhada, ocorreu uma situação inusitada. Eu trabalhava com contrato de trabalho até dezembro, e ficava as férias de janeiro e fevereiro sem receber. Então precisei encontrar uma alternativa para ganhar um extra que pudesse me deixar um pouco mais segura financeiramente nesses meses. A minha irmã tinha

uma loja no Center Fábricas de Araranguá. E no período das férias nossa cidade recebia muitos turistas argentinos e paraguaios que vinham visitar nossas praias. Assim, como eu falava inglês era uma opção para me comunicar com os turistas estrangeiros e ter uma boa possibilidade de venda. Logo, passei a trabalhar na loja JK confecções como balconista nos meses de janeiro e fevereiro. Era divertido, a loja vivia cheia e o tempo passava muito rápido.

Em 1991, entrei na faculdade de Letras. Esse acesso me trouxe a oportunidade de trabalhar na Escola Municipal Nova Divinéia, como professora de inglês e português. Essa foi uma das melhores experiências como professora. A escola fica em uma comunidade vulnerável, com crianças muito carentes econômica e afetivamente. Eu sentia que eu deveria dar o meu melhor por elas. Porém eu estava no início da faculdade, não sabia alguns conteúdos. Assim eu e uma amiga minha, a melhor amiga naquela época, estudávamos juntas na faculdade e trabalhávamos na mesma escola, sempre que uma de nós não dominava o conteúdo, a outra ia dar aula no lugar, para não deixar os alunos sem aquela matéria. Planejávamos tudo juntas. Fazíamos o nosso melhor naquele momento. De tempo em tempo, encontro alguns dos meus alunos e ouço tantas palavras de carinho e agradecimento que me emociono sempre. Foram dois anos muito intensos. Eu trabalhava ainda na Escola de Inglês FISK e na Divinéia. Duas realidades bem distintas.

Em 1993, em um acidente de moto, morreu meu noivo. Minha vida virou um caos. Perdi-me completamente, não sabia mais o que queria. Nada me fazia feliz. Larguei tudo. Abandonei a sala de aula em 1994. Fui trabalhar em uma confecção de roupa infantil, a Confecção Patinho Feio. Cuidava da parte financeira da fábrica. Trabalhava sozinha em um escritório. Fiquei por pouco tempo. Logo fui trabalhar em uma agência de viagens, Rota do Sol. Foi uma experiência muito divertida. Além do trabalho durante a semana, eu também acompanhava algumas viagens nos fins de semana. Fiquei por alguns meses, mas foi muito importante para eu voltar a me reencontrar e perceber que eu queria mesmo era ser professora.

Então, em 1995, voltei a trabalhar como professora de inglês e português. Só que agora em uma escola particular de ensino fundamental e médio, o Colégio Futurão. Lá eu realmente adquiri e desenvolvi habilidades necessárias para fazer um trabalho de excelência em sala de aula. Conheci muitos colegas que me ajudaram e

me motivaram para seguir na caminhada. Amei cada aluno que passou por mim. Estava vivendo um outro momento. Mais madura, mais tranquila e mais segura da minha escolha profissional. Trabalhar nessa escola me abriu muitas portas, pois já era reconhecida como uma boa professora. Toda a minha dedicação tinha gerado bons frutos. Agradeço a oportunidade de ter trabalhado com aquelas pessoas.

No entanto, no verão de 1998, recebi uma proposta para trabalhar na maior escola particular de Araranguá e que eu almejava demais essa oportunidade. Permaneci por dezoito anos, até 2016, no Colégio Nossa Senhora Mãe dos Homens, hoje Colégio Murialdo. Amava trabalhar lá. Tinha verdadeira estima e admiração pelo então diretor Padre Elias. Foram anos de muito crescimento como pessoa e como profissional. Conheci grandes amigas, criei vínculo afetivo com muitos alunos, vi muitos deles crescer em nossas mãos e conheci um dos melhores mestres na Língua Portuguesa e Literatura, o professor Robson Lima. Ele, com certeza, fez eu me apaixonar pela Literatura. Amava ouvir seus cursos e sabia que eu crescia muito com eles.

Mas, nesse mesmo ano, minha mãe me inscreveu no concurso para professores do Estado de Santa Catarina. Passei e me efetivei na EEB Dolvina Leite de Medeiros em 1999. Fazia jornada dupla nas escolas. Trabalhava na escola pública e na particular. Era uma correria o dia inteiro. Fiquei apenas um ano nessa escola e logo me transferi para EEB Manoel Gomes Baltazar na cidade de Maracajá. Pois casei no final de 1999 e fui morar nessa cidade. A partir daí, tinha uma carga horária de 60 horas semanais. Foram anos nessa luta. Minha vida era dar aulas, planejar, preparar trabalhos e avaliações, corrigir tudo e tentar fazer sobrar um tempinho para ficar com o marido.

Em 2003, quis voltar a trabalhar somente em Araranguá e me transferi mais uma vez, agora para a EEB de Araranguá. Uma escola que atende exclusivamente o ensino médio. Continuava minha carga de 60 horas entre essa escola e o Colégio Nossa Senhora Mãe dos Homens. Trabalhei como professora de inglês e português na EEB de Araranguá até que assumi a função de Assessora de Direção de 2007 a 2014. Foi um aprendizado gigantesco nessa função. Assumi a parte pedagógica da escola e fazia meu trabalho diretamente com os professores. Amei ainda mais a escola. Fazia meu trabalho com muita dedicação. Criei uma relação visceral com

essa escola. Dava sempre o melhor de mim. Até que em 2015 me tornei diretora geral nomeada. E logo fui eleita pela comunidade escolar por mais quatro anos (2016 a 2019). Foi um grande desafio. Mas tive a sorte de ter um grupo de profissionais maravilhosos trabalhando comigo. Porém, em 2018 a morte da minha mãe me desestabilizou emocionalmente. Lá se foi uma parte de mim deixando um vazio que jamais voltaria a ser preenchido. Todavia, eu precisava seguir em frente com minhas responsabilidades dentro da escola.

E, continuando na função diretiva, fui eleita mais uma vez para atuar de 2020 a 2023. Como Diretora Geral enfrentei muitas dificuldades. Interdição parcial da escola por problemas estruturais, readequação de toda escola num espaço reduzido, depois mudança da escola para outro edifício. E, logo, a pandemia. Foram anos muito desafiadores e de muito trabalho. Com isso veio um desgaste físico, mental e emocional que não consegui identificar no início. Até que precisei pedir para sair. Afastei-me da direção em janeiro de 2022. Voltei para a sala de aula, mas eu já não era mais a mesma. Algumas doenças agora faziam parte de mim. Afastei-me da escola. Em julho de 2022, fui trabalhar na Coordenadoria Regional de Educação de Araranguá. Estou novamente me reencontrando profissionalmente. Aprendendo outros saberes e convivendo com outras pessoas.

Quando estou no trabalho, sinto-me muito bem. Gosto do grupo de pessoas com quem divido esse tempo. Sou metódica e muito organizada. Por isso, gosto de deixar tudo pronto com antecedência. Fico empolgada quando tenho desafios. Se eu não trabalhasse, acho que me sentiria um pouco vazia. Ficaria perdida, sem encontrar minhas identificações. Sem contar na falta de dinheiro, que não é nada animador. Afinal de contas, o trabalho e o salário já são partes do meu cotidiano. Aos 49 anos, próxima da aposentadoria, desafiei-me mais uma vez e entrei para o mestrado. Novos tempos, novas inspirações, novas prioridades. Porque eu agora tenho que cuidar de mim.

Descortinar essas memórias não foi tarefa fácil. Foi preciso revivê-las. Escrever sobre a minha trajetória profissional trouxe nas entrelinhas muito mais que meras informações. Trouxe momentos vivenciados, emoções, dores, alegrias e acontecimentos que não são fáceis de recordar. Porém, de acordo com Lins de

Barros (2005, p.01), é na forma de narrar que fazemos a seleção do que a nossa memória nos permite contar.

Há muito tempo tenho trabalhado sobre memória e a ideia básica da memória como uma construção social ganha toda sua expressão no momento em que é preciso debruçar-se sobre si mesmo e iniciar o trabalho de elaboração de uma linha narrativa que apresenta uma história de vida acadêmica. Há nesta elaboração uma seleção do que deve ou não estar inserido na história e, neste caso em particular do memorial acadêmico, a seleção está na forma de narrar, nas prioridades que definem as áreas de atuação e na intromissão de elementos externos à trajetória acadêmica.

Assim, nesse instante, tenho consciência de que a cada narração de uma experiência, uma nova versão da trajetória é recontada em função do momento, das pessoas e da continuidade da própria vida.

1.3 Contexto

A propositura desta pesquisa foi utilizar a literatura catarinense fantástica com traços açorianos como forma de iniciar o estudo de literatura na Educação Básica, revitalizando memórias locais. Assim, fez-se necessário discorrer sobre a vinda desses colonizadores para Santa Catarina, referenciando o autor Franklin Cascaes.

A obra utilizada como referencial é “O Fantástico na Ilha de Santa Catarina” de Franklin Cascaes. Essa tangibilidade entre o imaginário e o irreal com as memórias oriundas da colonização açoriana é o grande movimento para o início do estudo da Literatura na sala de aula. Conforme Cândido (2000, p. 68), “a literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a [...]”.

Nesta perspectiva, o autor, por meio de sua literatura, lança o seu olhar sobre o mundo que está inserido, ativado por suas apropriações pessoais e culturais, com interferências das relações coletivas. Assim, é importante conhecer um pouco da história da colonização açoriana em Santa Catarina ligadas a essas memórias.

Durante o período das Grandes Navegações e da ocupação da América, o Sul do Brasil era um território que não se sabia ao certo a quem pertencia, a Portugal ou à Espanha. Tudo porque o famoso Tratado de Tordesilhas, firmado entre Portugal e Espanha em 1494 e que, hoje sabemos, passaria ao Norte pela Ilha

de Marajó e ao Sul pela cidade de Laguna, em Santa Catarina, nunca fora estabelecido de fato.

Até meados do século XVII, poucas foram as tentativas de povoamento do Sul do Brasil. No século XVIII, as divergências entre Portugal e Espanha acerca da soberania sobre as terras da América chegaram ao seu auge, culminando no Tratado de Madrid, de 1750, calcado no princípio do “Uti possidetis”, ou seja, a Coroa que ocupa efetivamente a terra, através de seus súditos, têm direito a ela.

Figura 1: mapas com a distância entre o Arquipélago dos Açores e Santa Catarina



Fonte: <https://www.ides-sc.org.br/post/presencaacoriana#>

Figura 2: mapa desenho com a distância entre o Arquipélago dos Açores e Santa Catarina



Fonte: <https://www.ides-sc.org.br/post/presencaacoriana#>

Entre 1748 e 1756, de acordo com NUNES (2018, p. 92) foram transportados cerca de 6 mil colonos do Arquipélago dos Açores para de Santa Catarina, na maior mobilidade humana com o propósito de povoamento dentro do império português. Embarcaram homens, mulheres e crianças no Porto de Angra, na Ilha Terceira, com destino a Santa Catarina. Foram 14 viagens, realizadas por 6 navios diferentes. Cerca de 280 pessoas morreram na travessia. “Miseráveis, analfabetos, esquecidos

e largados à sua própria sorte e que, mesmo assim, com dignidade construíram o futuro e deixaram a sua herança e todo um imaginário enraizado que se reproduz e se expande pelo Sul do Brasil (NUNES, 2018, p.92)".

A ocupação dos paulistas ou vicentistas, como eram chamados, era muito fraca. Algumas centenas de pessoas espalharam-se pelo litoral catarinense. Em 1739, a Coroa portuguesa criou a Capitania de Santa Catarina, desmembrando-a de São Paulo. Foi seu primeiro governador, o Brigadeiro José da Silva Paes que, de imediato, começou a construir as fortalezas da Ilha de Santa Catarina (Anhatomirim, Ponta Grossa e Ilha de Ratones). Silva Paes trabalhava nos Açores e estava ciente das dificuldades de subsistência que aquela população enfrentava para se manter no arquipélago.

Depois os imigrados e seus descendentes expandiram-se para toda a faixa litorânea do Estado. O contato, sobretudo via marítima, com gente de outras regiões, levou-os a abraçar amplamente sua cultura. Mas, ainda hoje, os nativos do litoral apresentam traços culturais (em especial linguísticos) que são diferentes dos traços das regiões circunvizinhas creditados aos açorianos.

Uma destas localidades é a comunidade de Hercílio Luz e Ilhas que possuem diversas características açorianas em sua cultura, destacando-se a pesca, o artesanato, a culinária, as festividades e a religião. Quase três séculos se passaram após a vinda desses imigrantes, que determinaram a nossa organização política, a língua, a religião predominante, os hábitos alimentares, nosso modo de vestir, usos e costumes.

Segundo Paulo Hobold (2005, p. 128), em sua obra "A História de Araranguá", ocorreram três núcleos de colonização açoriana e a cidade de Araranguá estaria entre eles:

... a fixação gradativa dos açorianos no litoral catarinense em mais dois estágios, a saber, núcleo secundário e núcleo terciário. Os núcleos secundários, em que se incluem Araranguá e diversas outras vilas mais antigas, ocorreram entre 1760 e 1880, sendo resultado natural da ocupação de novas terras e crescimento populacional da região. Já os núcleos terciários, ocorreriam desde 1882, à fixação de descendentes em diversas freguesias e povoações. Nesta época, Araranguá já era referência conhecida e aos poucos, também recebeu descendentes destes imigrantes, que ajudaram a formar as primeiras sementes familiares e a implementar uma cultura própria, que somada às de outros colonizadores forjaram a base cultural araranguense.

Segundo Franklin Cascaes (1981, p. 43), "... é preciso conhecer para amar. E uma nação que não conhece a raiz da sua história, está muito aquém daquilo que ela devia ter como sua cultura."

1.3.1 Conceito de Açorianidade Através dos Tempos

A açorianidade é o reconhecimento de uma identidade cultural que se formou a partir das condições geográficas, meteorológicas, geológicas e históricas do arquipélago dos Açores. A açorianidade literária é a forma como os escritores representam a vivência insular nas suas obras, criando uma literatura com características próprias.

O conceito de açorianidade começou a esboçar-se muitos anos antes de ser inventado o nome pelo qual acabou por ficar conhecido. Enquanto especificidade cultural açoriana que quer ver reconhecida uma identidade, a açorianidade remonta aos anos noventa do século XIX, quando se ambicionava a descentralização do poder político no arquipélago e se apelava à união das ilhas, sob a divisa *a livre administração dos Açores pelos açorianos*.

O termo açorianidade surge pela primeira vez num artigo da autoria de Vitorino Nemésio, publicado na revista *Insula*, em 1932, por altura da comemoração do V centenário do descobrimento dos Açores, e onde é proposto apresentar uma visão global do "pensamento insular" e da existência açoriana, cujas especificidades a afastam da realidade portuguesa continental. Açorianidade é, portanto, um conceito criado por Nemésio, a partir da leitura de ensaístas espanhóis e por decalque de "hispanidad" e "argentinidad" de Miguel de Unamuno. Entendida como "a força do carácter açoriano, (...) açorianidade é o nosso modo de afirmação no mundo, a alma que sentimos, na forma de corpo que levamos" (NEMÉSIO,1975,p.36).

Por sua vez, a diáspora açoriana espalhada pelo mundo organiza uma série de eventos para promover os Açores. Para tanto, organiza colóquios, ciclos de conferências de temática açoriana e promove ações de difusão da cultura tradicional açoriana, designadamente em programas de rádio, de televisão e através da imprensa escrita. Segundo Lacerda (2003, p.59-60), dentre os eventos organizados, destaca-se a "Festa da Marejada" em Santa Catarina. Neste contexto, e como afirma o mesmo autor,

o discurso da açorianidade traduz-se num processo contínuo de apropriação, difusão e circulação de símbolos, ideias e emblemas capazes de fazer operar centenas de organizações em torno de uma “comunidade de sentimentos” que tem os Açores como raiz e centro simbólico e suas terminações localizadas nas expressões populares locais, quer das ilhas, quer das comunidades da diáspora. (ibidem: 60)

Deste modo, constata-se que a emigração desempenhou um papel muito importante na construção da identidade açoriana e da açorianidade, no sentido em que o ilhéu emigrado agora pertence a um todo, ou seja, passa a ser o emigrante dos Açores.

Neste sentido, atendendo ao patrimônio literário oral e escrito com origem e raízes nos Açores, isto é, relativo a autores ou temáticas açorianas, transpõe-se a açorianidade para o campo da literatura. Assim, delimita-se o conceito de açorianidade: deixa de ser entendido enquanto fenômeno cultural *lato sensu*, para ser abordado como açorianidade literária.

Assim, destaco o autor José Martins Garcia que estreia na narrativa ficcional em 1974, com a publicação de *Katafaraum é uma nação* e *Alecrim, alecrim aos molhos*, duas obras de crônicas e contos.

Katafaraum das ilhas do Atlântico é o cenário dos contos katafaraônicos, e fabulações que remetem para a ideia de despotismo, de repressão, de poder absoluto, ora exercido por mafarricos, lambusões, padres, beatas, ora por simples populares, ora, ainda, por via de bruxedos, tentações, malas-artes e outras provocações de Satanás. Alicerçada na ironia e na sátira, surge uma manifestação da açorianidade na narrativa de Martins Garcia, que consiste na cooperação entre a imaginação, a memória e o realismo fantástico, a partir da qual o escritor representa o seu mundo ficcional que escora nas idiossincrasias da mundividência açoriana.

O ensaio *O Açoriano e os Açores* e os dois artigos sobre a “Açorianidade”, de Vitorino Nemésio, são os textos fundadores não só do conceito de açorianidade, mas também do conteúdo que lhe propuseram. Isto é: um conceito que nasceu da conjugação do meio com o processo histórico do arquipélago e que significa o modo de ser e de estar do açoriano no mundo, aliados à visão e à forma como interage com esse mesmo mundo.

Nas seções seguintes, explicitaremos algumas marcas dessa açorianidade em Araranguá-SC, como o artesanato, a culinária e a publicação do Livro *No Pino do*

Meio-dia a Meia-noite Velha, que são causos dos moradores da comunidade de Ilhas em Araranguá.

1.3.2 A Açorianidade no Artesanato do vale de Araranguá

A diversidade cultural de Santa Catarina é marcada pela influência indígena e pelos imigrantes, expressando suas tradições, costumes, crenças, folclore e características de cada região. Entre estas influências, especialmente no litoral do Estado, destacamos a cultura açoriana, originária das Ilhas dos Açores. Os locais onde os açorianos se instalaram quando chegaram, a partir do século XVIII, carregam os traços culturais até os dias atuais.

Com a vinda dos açorianos para Santa Catarina, herdamos as crenças, lendas, os mitos como boitatá, lobisomem, fantasmas, benzeduras e bruxas como também a forma de fazer artesanato. Essas marcas culturais se perpetuaram no tempo como forma de expressão e valorização de um povo. Hoje é possível ainda ver o quanto os artefatos locais estão carregados de traços açorianos.

Assim, no extremo sul de Santa Catarina, localizada próximo ao Balneário Morro dos Conventos e o rio Araranguá, Canjicas (Hercílio Luz) compõe junto com outras comunidades o Distrito de Hercílio Luz. Pesquisas arqueológicas evidenciam que a paisagem da região da Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá fora ocupada pelos povos Guarani e Xokleng muitos anos antes do início do processo de colonização europeia (LINO, 2007). Próximo à Lagoa Mãe Luzia, e à barra que interliga o rio ao mar, o Distrito de Hercílio foi um ponto de parada estratégico para a ocupação açoriana.

Diante da história da ocupação dessa região, identifica-se que o artesanato está diretamente ligado à história do Distrito de Hercílio Luz e de Araranguá. Este artesanato, em um primeiro momento, era confeccionado como utensílios para servir no cotidiano da comunidade, incluindo chapéus de palha, balaios, rendas de bilro, canoas dos pescadores, bonecas, namoradeiras, quadros, trançados de rede, tapeçarias de tear, confecção de esteiras, gaiolas e representações do Divino Espírito Santo.

Da mesma forma, o artesanato está presente na história da família Souza há décadas. A partir dos anos 1950, pelas mãos e criatividade das irmãs Souza, o

artesanato passou por transformações. A atividade iniciou com os chapéus trançados por Dona Lautéria Inácia, que passou o legado para suas filhas, incluindo Reginalda Inácia de Souza, e depois para as netas de Dona Lautéria, as artesãs Cantidia, Máxima e Amália, também conhecidas como irmãs Souza. Elas revelaram à comunidade uma riqueza de detalhes e variedades na montagem de bonecas, quadros, leques, vassourinhas e peixes, todos confeccionados com a utilização da matéria-prima local, como a tiririca, casca de embira do mato, matinhos do campo, palha de milho, folhas de carvalho, sementes e muitos outros materiais.

As irmãs Maria, Marciana e Ludenira foram viver no atual centro da cidade de Araranguá, onde começaram a sobreviver do trabalho com a costura e o bordado. Máxima, Cantídia e Amália continuaram a viver em Canjicas, na casa onde seus pais moravam. As irmãs Souza procuraram se aperfeiçoar, Amália se formou na Escola Profissional Hercílio Luz, em 1972, e foi professora na escola local EEB Profª Eremeta de Souza. Cantídia formou-se na Escola de Corte e Costura de Blumenau, em 1970. As irmãs teriam aprendido a fazer o artesanato desde cedo com a mãe, Reginalda Inácia. Quando trabalhou na “Fundação Cultural de Araranguá” na década de 1990, hoje Centro Cultural Máxima Astrogilda de Souza, Alexandre Rocha (1994) conseguiu captar e produzir uma documentação sobre a história do artesanato de Hercílio Luz (Canjicas), Ilhas e Morro Agudo que estava em exposição. Nessa documentação, o historiador registrou a narrativa de diversos artesãos e artesãs, entre eles, Dona Cantídia, que narrou a ele como as irmãs aprenderam a fazer o artesanato.

O testemunho de Cantídia deixa rastros sobre as trocas de saberes que eram transmitidas principalmente entre as mulheres da família. Da avó para mãe e da mãe para as filhas, e de geração em geração esse conhecimento até então foi repassado.

A prática do artesanato, iniciada apenas nas horas de folga do cotidiano, se tornou mais importante para Cantídia, Amália e Máxima, após a falência da casa de comércio e da morte do pai, quando permaneceram em Canjicas, vivendo com a mãe. O artesanato se tornaria então a principal fonte de sobrevivência para as irmãs, que com o desenvolvimento desta prática ajudaram a criar seus sobrinhos. Cantídia relata que a prática do artesanato é antiga na região e a produção dos primeiros

produtos como balaies, chapéus, tarrafas, pilões e tapetes corresponde a uma necessidade de se produzir utensílios utilitários para serem usados na agricultura, na pesca ou no ambiente doméstico. (ROCHA, 1994, p. 01) Dona Picurra é, também, uma das artesãs de ilhas, que além de trançar chapéus e fazer outros produtos de artesanato, realiza a prática da pesca. Com habilidade de uma artesã, criava os chapéus feitos de palha de butiá, as esteiras de junco e as bolsas de folha de tiririca.

(Figura 3 – A artesã Dona Picurra confeccionando chapéus de palha)



Fonte: Acervo fotográfico Centro Cultural Artesã Máxima Astrogilda de Souza, Sandro Ramos, 2009.

Além das artesãs irmãs Souza e de Dona Picurra há outros personagens artesãos e artesãs das comunidades do Distrito de Hercílio Luz que foram entrevistados por Alexandre Rocha (1994), como o senhor Antônio Avelino Anselmo, de Hercílio Luz, que fazia balaies de cipó “São João” e bambu há mais de 50 anos; Rosa Paula Quintino, do Morro Agudo, que tinha aprendido a fazer chapéu de fibra de butiá com a mãe, ou o seu João Acorde Cardoso, de Ilhas, que junto com a sua família produzia e vendia esteiras de junco.

Com o tempo, as irmãs Souza passaram a criar artesanatos de fibras vegetais “decorativos”, como bruxas, índios, bonecas brancas e negras, anjos, palhaços, quadros, leques, peixes e outros artefatos de enfeite. Tudo em harmonia com o trançado das fibras vegetais, alguns produtos industriais como as linhas, o rouge e os botões, e outras técnicas e saberes como a costura, o crochê e o bordado.

Quando observamos as bruxas em forma de bonecas de fibras vegetais feitas pelas irmãs Souza nos conectamos a significados e sentidos que são compartilhados na cultura açoriana do Distrito de Hercílio Luz, presentes nos causos e no imaginário dos contadores de história e pescadores de Ilhas. O medo e a crença passados de geração em geração junto com as histórias das “bruxas de Ilhas” são justamente algumas das sensações que podemos sentir ao observar as imagens visuais das suas bruxas de palha. Alguns familiares diziam que Amália, além de excelente artesã, era religiosa e benzedeira, fazia remédios com plantas e ervas. Talvez essa seja a imagem que muitos fizeram das artesãs em suas representações mentais, como mulheres “bruxólicas” que detinham um poder a mais.

Figura 4 – O Índio e a Bruxa



Fonte: Acervo fotográfico Centro Cultural Artesã Máxima Astrogilda de Souza, Sandro Ramos, 2009.

Figura 5 – Bonecas e Bruxas



Fonte: Acervo fotográfico Centro Cultural Artesã Máxima Astrogilda de Souza, Sandro Ramos, 2009.

E, na urdidura do tear da linha do tempo, as irmãs Souza se aposentaram como autônomas e deram continuidade à produção dos artesanatos até o ano de 2010. As artesãs criavam dentro de um modo de produção familiar, fugindo das tentativas de se estabelecer junto a núcleos ou cooperativas de artesãos. Amália Luzia, Cantídia Neves e Máxima Astrogilda de Souza são os nomes próprios que marcam as personalidades e a identidade social dessas grandes artistas.

1.3.3 A alimentação açoriano-catarinense no livro *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina* e a memória organizacional no Cesa Restaurante da Praia do Morro dos Conventos em Araranguá

A literatura e a alimentação são diferentes formas de se conhecer e reforçar as identidades dos povos e, conseqüentemente, construir representações de patrimônios culturais, pois nelas, em muitas ocasiões, estão refletidos os hábitos e a cultura popular de uma comunidade.

Em busca de suas origens e preservação da cultura de base açoriana, Cascaes descreve em suas narrativas literárias um passado rural do povo açoriano-catarinense que se mistura com um imaginário bruxólico e místico. Nas narrativas escritas por Cascaes pode ser encontrado o cotidiano da vida próxima ao mar, da pesca, da lavoura, além de diversas descrições dos hábitos alimentares presentes na vida dos açoriano-catarinenses.

Para Fischler (1988), a relação do homem com a comida possui caráter multidimensional e envolve questões de comportamento, cognição, questões psicológicas, culturais, individuais e coletivas, fazendo com que a comida não sirva apenas para nutrir, mas também significar. Apresentando-se como fundamental para o senso de identidade.

No primeiro conto *Eleição bruxólica* de 1955, Franklin Cascaes (apud, KILPP, 2022. p. 58), se referindo aos personagens principais, diz que eles viviam da pesca artesanal da tainha e da cultura de mandioca, feijão e milho (heranças indígenas indispensáveis na alimentação cotidiana dos açoriano-catarinenses). Portanto, são essencialmente lavradores e pescadores, homens da terra, mas também do mar.

No conto *Baile das bruxas dentro de uma tarrafa de pescaria*, de 1952, Cascaes cita a pesca da tainha, outro peixe citado é a corvina. E para as pescarias os pescadores costumavam usar tarrafas.

Dentre as narrativas de Cascaes observou-se a presença de alguns pratos típicos da região, como o peixe escalado e o pirão de farinha de mandioca com peixe assado na folha de bananeira, que são pratos rotineiros na dieta alimentar do açoriano-catarinense.

Para Souza (2000), a tradição culinária do ilhéu não veio diretamente dos Açores com seus imigrantes, mas foi construída ao longo dos anos com as condições impostas pela terra nova. Visto que a identidade é um processo dinâmico e está em constante reconstrução, da mesma forma que as referências identitárias das cozinhas estão sujeitas a constantes transformações.

Portanto, em *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*, observa-se que as práticas alimentares preenchem os espaços, identificam as personalidades das personagens e os valores sociais daquela comunidade lavradora e pesqueira, construindo assim a memória afetiva individual e coletiva que consolidam as tradições culinárias dos açoriano-catarinenses.

A descrição feita no livro vai ao encontro do que ainda existe em Santa Catarina. Exemplo disso é o Cesa Restaurante, localizado na Rua Aparados da Serra na praia Morro dos Conventos em Araranguá. O Morro dos Conventos fica ao lado da comunidade de Hercílio Luz e Ilhas que foram colonizadas por açorianos vindos da Ilha Terceira. São comunidades ribeirinhas que ainda vivem da pesca e da lavoura. Essa açorianidade presente até hoje na nossa região chama atenção e desperta curiosidade.

O Cesa Restaurante é dirigido pela família do senhor Dino Cesa e da dona Francisca Aguiar Correa Cesa, que oferece uma culinária açoriano-catarinense e ainda preserva em sua estrutura duas árvores da vegetação local em meio ao restaurante. Tem ambiente aconchegante e peculiar ao mesmo tempo. Depois de algumas visitas ao local e de ter observado muito sobre sua apresentação e funcionamento, conversei com um dos filhos do seu Dino e consegui marcar uma tarde de entrevista com o casal. Mas o que encontrei na verdade naquela bela tarde de sol, foi um senhor de 86 anos revivendo suas memórias e se emocionando muito com elas. Foi inesquecível.

Seu Dino traz com nitidez e muita emoção os momentos vividos por ele e sua família. Emocionado, lembrou do dia em que chegou em Bom Jesus, na Serra gaúcha, em 1978, para comprar o terreno onde funciona seu restaurante hoje na

Praia Morro dos Conventos em Araranguá. Era um terreno em meio a muita vegetação. Por isso, parte dela ainda está preservada entre as estruturas do local. Assim que ele contou esse episódio começou a chorar e lembrou que desde o início sempre teve o apoio da família em todas as suas decisões. Lembrou que foi um período difícil, já que era agricultor e pouco sabia sobre comércio.

Inicia, então, em 1978 uma nova etapa na vida da família do seu Dino Cesa. Um homem de pouco estudo, mas que via de longe, possibilidades diferentes de ganhar a vida e sustentar seus filhos.

Figura 6 – Fachada do Cesa Restaurante em Morro dos Conventos



Fonte: autora (2022).

Chegando ao Cesa Restaurante, já se vêem duas árvores grandes em meio ao telhado da varanda da frente. As mesas dividem espaço com dois troncos largos, o que dá ao local um ar rústico e peculiar. Nas paredes, vários quadros pintados por um dos filhos do seu Dino. Todos eles são pinturas de lugares, ruas, prédios, igrejas e avenidas de Araranguá ao longo do tempo. Uns refletem um passado distante, outros mais próximos dos dias atuais. Mas é possível ver a preocupação em retratar a história e a memória da cidade. Isso chama a atenção logo que se entra.

Ao observar os funcionários, vê-se que há uma organização visual pois todos estavam uniformizados. Tornando mais prático o atendimento uma vez que eles se diferenciam dos clientes.

Como o restaurante está localizado na praia Morro dos Conventos, ele oferece espaço para os clientes na área externa e interna do local. Na parte de dentro, tem também muitas mesas e um buffet bem no meio para os clientes se servirem da comida. Tudo muito organizado e atrativo.

Fig.7,8 e 9 – Parte interna do Cesa Restaurante em Morro dos Conventos.



Fonte: autora (2022)

Admirador de negócios em família, seu Dino busca inspiração em alguns exemplos que prosperaram. Para minha surpresa, no meio da conversa ele cita um senhor conhecido por Zé Jovem que tinha um comércio numa comunidade pequena. E que ele o admirava muito porque o negócio era tocado por seu Zé Jovem junto aos filhos e às filhas. Falou que tudo era bem organizado. O filho cuidava do açougue e as filhas do “venda”. E ele termina dizendo “era lindo ver toda família trabalhando...” Nesse momento fiquei emocionada ao contar a ele que o seu Zé Jovem é meu avô. Mundo pequeno.

Assim, seu Dino diz que trabalhar na agricultura sempre foi muito árduo. E não queria ver seus filhos passando pelas mesmas dificuldades. Logo, pensou em abrir um negócio junto com os filhos. Como ele enfatizou várias vezes, toda vez que ele chegava com uma novidade ou proposta de negócio, sempre teve o apoio da família toda. E isso mostrava a confiança dos filhos de que ele era um visionário. Inicia, então, sua trajetória em 1978, com a compra do terreno em Morro dos Conventos.

A princípio, seu Dino pensou em abrir uma cachacaria. Pesquisou sobre o assunto e iniciou o plantio da cana-de-açúcar numa parte do terreno. E aos poucos foi comprando os equipamentos para montar o alambique. Porém, no dia que havia combinado com um senhor que era técnico e que viria para orientá-lo no negócio, esse encontro acabou não acontecendo. Seu Dino ficou certo de que isso era um aviso para não levar o negócio adiante. Nesse tempo, a cana já estava pronta para o corte.

No Morro dos Conventos, praia de muitos turistas no verão, seu Dino observava que uma barraquinha que vendia caldo de cana e milho estava sempre cheia. Ele chegou até a vender cana para eles. Foi aí que surgiu outra ideia. Foi pra

casa e conversou com os filhos e a esposa para botarem uma barraca para vender caldo-de-cana, milho verde cozido e pamonha. Dona Francisca prepararia a comida e seu Dino, juntamente com filhos ficariam com o resto do serviço. A família mais uma vez apoia a ideia do pai. Nasce o comércio Cesa. A partir daí o negócio foi se expandindo e seu Cesa viu a necessidade de buscar mais conhecimento e experiências de como gerir o comércio. Mandou dois dos seus filhos trabalharem num camping grande que tinha no Morro dos Conventos para ganharem experiência e aprender mais como melhor atender as pessoas. Depois de três anos, os filhos retornam e seu Dino quis ampliar o comércio para uma lancheria, com vendas de pastel, hambúrguer entre outros salgados. Daí pra frente só foi aumentando, os filhos com mais conhecimento gastronômico e empreendedores. No entanto, seu Cesa continuou sendo o empreendedor da família. Aquele com as maiores e melhores ideias, aquele que está sempre pronto para dar mais um passo no negócio.

Diante disso, cito Deal e Kennedy (1982), para retratar a figura heróica que seu Cesa representa pra família, amigos e conhecidos. Dentro da cultura organizacional Deal e Kennedy (1982), afirmam que os heróis personificam os valores e condensam a força da organização; são os heróis os responsáveis pela sua criação, pois estes têm a coragem e a persistência de “fazer aquilo que todos almejam, porém têm medo de tentar”. Segundo Freitas (2010), os heróis podem ser entendidos como aqueles indivíduos que desempenham papéis que definem o conceito de sucesso da organização, são atores sociais, disseminadores dos valores e reforçadores das crenças organizacionais.

Depois de muita dedicação e trabalho com a lancheria, de muitas noites inteiras trabalhando com os filhos para atender da melhor forma todos os turistas que por ali passaram, e orgulhoso da união da família que nunca se desentendeu ao longo desses mais de 40 anos, seu Dino resolveu dar uma reviravolta e montar um restaurante.

Em 1983, inaugurou o Cesa Restaurante em Morro dos Conventos. Muitas foram as propostas de cardápio a serem oferecidas, mas o que realmente marca a culinária do empreendimento é o estilo ribeirinho, praieiro e açoriano-catarinense. São preparos de peixes, pirão, a deliciosa papa-terra que não pode faltar, a

diversidade de salada e o bom atendimento da família do seu Dino e da dona Francisca, que mantém com muito sucesso a culinária açoriano-catarinense no restaurante e que, sem dúvida, é o ponto alto do sucesso do comércio. Eles se orgulham de falar da competência de seu filho, que é o chefe do restaurante. Seu Dino diz “não há ninguém que cozinhe melhor que meu filho.”

Dentro de uma cultura organizacional existem as histórias contadas e que fazem parte da composição do negócio. E estas não faltam no Cesa Restaurante. Histórias são narrativas baseadas em eventos ocorridos, que informam sobre a organização, reforçam o comportamento existente e enfatizam como este comportamento se ajusta ao ambiente organizacional (MACHADO, 2004). As histórias exercem papel importante à medida que reproduzem a aprendizagem por meio da experiência de outras pessoas, além de possibilitarem melhor associação e lembranças que os sistemas descritivos racionais (FREITAS, 2010).

Mesmo que o Restaurante do seu Cesa não seja um grande negócio se comparado aos grandes empreendimentos, o que ele tem de grandioso é a sua trajetória. É a forma como um homem tão simples, agricultor, ousou nas ideias. Tornou seu sonho realidade de dar condições melhores de trabalho e de vida para sua família. Se permitiu errar e inovar até chegar aonde queria.

Filion (1991, 1993, 1999) argumenta que a visão do empreendedor é importante para explicar seu perfil, denotando que é sobre sua forma de pensar, suas metas, que é construído seu comportamento para empreender.

O empreendedor é uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios. Um empreendedor que continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios e a tomar decisões moderadamente arriscadas que objetivam a inovação, continuará a desempenhar um papel empreendedor. (FILLION, 1999, p.19).

Assim, em todas as visitas que fiz ao Cesa Restaurante, além de desfrutar de uma deliciosa culinária açoriano-catarinense, encontrei funcionários organizados e um ambiente que se mistura com a natureza dando uma ar muito acolhedor.

1.3.4 Do Pino do Meio-dia à Meia-noite Velha

No ano de 2007, a professora da disciplina de História Regional Micheline Vargas de Matos Rocha do curso de graduação de Licenciatura em História da

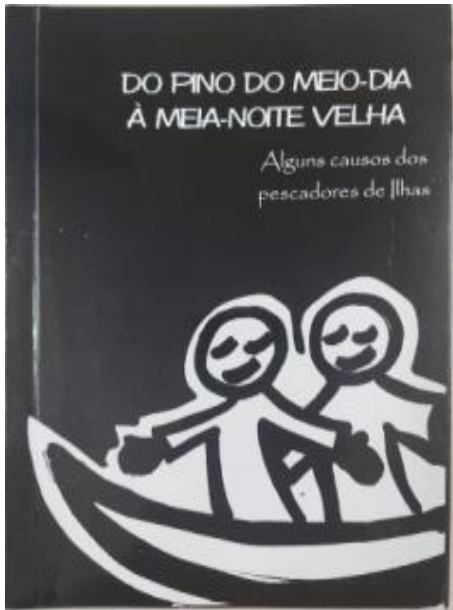
UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina- Campos Araranguá), realizou uma pesquisa de campo, juntamente com os seus acadêmicos na comunidade de Ilhas. A história de uma comunidade resulta de uma construção que envolve gerações inteiras à procura de seu espaço social e de sua sobrevivência cultural. A inventividade, a manifestação artística, a riqueza da culinária, o modo de vida daqueles moradores vêm de uma caminhada de sabedorias e experiências únicas.

Nessa perspectiva, os alunos pesquisadores saíram a campo em direção ao pequeno povoado de Ilhas. Lá ganharam as ruas, os quintais, o cotidiano e, principalmente o carinho dos pescadores e suas famílias... E dali colheram seus frutos, os causos permeados de experiências pessoais, sentimentos, particularidades impregnadas de memória, que agora também falam...

A cultura histórica reencontra sua riqueza que repousa no tempo, mas aguarda por ser despertada. Há algo além do que se percebe na fala de um morador que carrega sua bagagem e junto um pouco da história de sua comunidade e do seu município. E quantas histórias poderiam nos revelar cada senhor e cada senhora? Quantas realidades tão suas, tão nossas, se contadas fossem? E quantos outros causos poderíamos ter, se mais pesquisadores se interessassem em publicar outras tantas investigações e outras tantas histórias únicas guardadas nas memórias acalentadas no refúgio dos velhos pescadores?

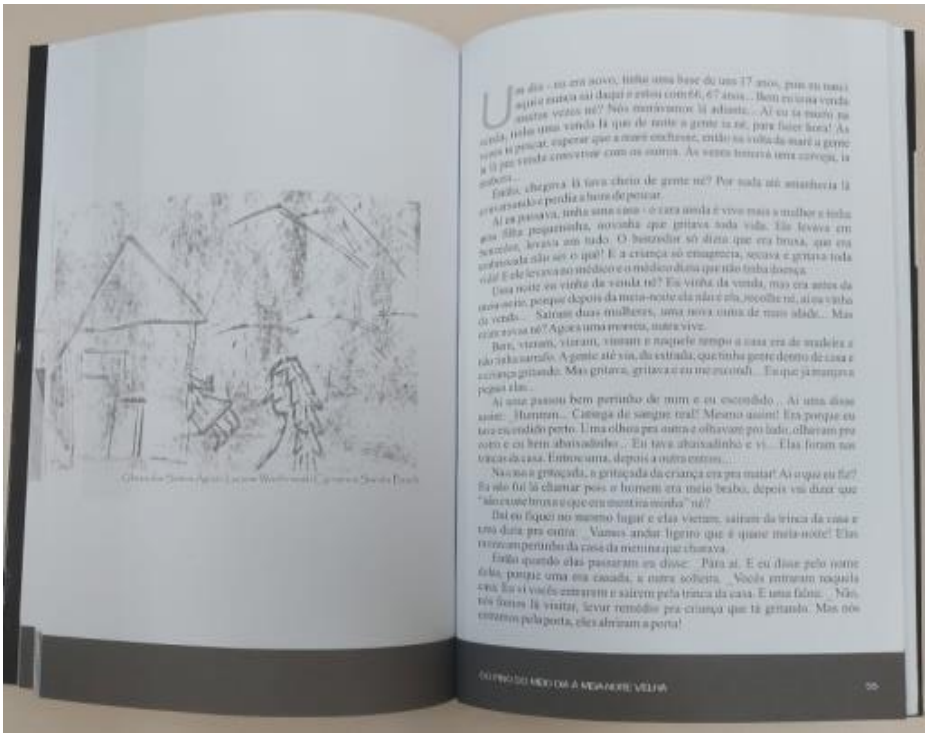
Assim, diante de tantos “causos” contados pelos moradores como se fossem suas verdades passadas de geração em geração, que estão vivos em seu imaginário, surgiu o Livro *“Do Pino do Meio-dia à Meia-noite Velha”*. Esse reúne uma coletânea de causos dos pescadores de Ilhas, sem a pretensão de se tornar uma escrita literária, mas que carrega elementos fantásticos muito semelhantes aos utilizados por Franklin Cascaes. Nos causos contados pelos moradores, revivemos as histórias das bruxas, mulher de branco, lobisomem, caracaxás e outros personagens que nos acompanham nas memórias coletivas dos descendentes açorianos.

Figura 10 – Capa do livro “Do Pino do Meio-dia à Meia-noite Velha”.



Fonte: autora (2022)

Figura 11 – Causo “As Bruxas de Ilhas”



Fonte: Autora (2024)

2. Bases Conceituais

Quando se fala em literatura, várias são os conceitos atribuídos a ela, como: conjunto de produção intelectual humana escrita; conjunto de obras especialmente literárias; conjunto de obras sobre um dado assunto ou matéria; arte da expressão escrita e outros tantos.

Moniz Barreto (apud VERÍSSIMO, 2001. p.26), crítico português, afirma que o caráter essencial da obra literária é “a generalidade no pensamento e a generalidade na expressão”. E ainda, segundo Moniz Barreto (apud VERÍSSIMO, 2001. p.27), “A ausência da generalidade da expressão excluiu da literatura todas as produções científicas ou práticas em que se emprega uma língua especial.” Assim, generalidade no pensamento e na expressão são caracteres constitucionais dos escritores literários.

Por sua vez, Afrânio Coutinho, em *A Literatura no Brasil* (1955), apresenta a arte literária segundo duas possibilidades: a literatura como resultado de fatores históricos, sociais e culturais, com foco nos elementos extrínsecos à obra; e a literatura como manifestação estética que independe de fatores exteriores à obra.

O autor defende a autonomia da obra frente aos fatores extrínsecos a ela. Segundo Coutinho (1955, p. 71),

A literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, um produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra, e cuja finalidade é despertar no leitor ou ouvinte o prazer estético. Tem, portanto, um valor em si, e um objetivo, que não seria de comunicar ou servir de instrumento a outros valores - políticos, religiosos, morais, filosóficos. Dotada de uma composição específica, que elementos intrínsecos lhe fornecem, têm um desenvolvimento autônomo.

A este propósito, Todorov (1978, p. 18) afirma: “A literatura é uma linguagem não instrumental e o seu valor reside nela própria”. Tzvetan Todorov (1978, p. 15-16) afirma que “genericamente, a arte é uma imitação diferente segundo o material que utiliza; e a literatura é imitação pela linguagem, tal como a pintura é imitação pela imagem”, para concluir mais adiante: “a literatura é uma ficção: eis a sua primeira definição estrutural”.

Northrop Frye (1964) estabelece a distinção entre uso literário e não literário da linguagem. Frye (1964, p. 28) revela que “as obras literárias não pretendem descrever ou afirmar e, portanto, não são verdadeiras nem falsas.”

Em literatura, as questões de realidade ou de verdade estão subordinadas ao objetivo literário essencial, que é produzir uma estrutura verbal que encontra a justificação em si própria. (TODOROV, 1978, p.22)

Ainda sobre o tema referente à função da literatura, Yvette Centeno (1986, p.55,56,57) desenvolve:

O texto literário resulta de uma vontade de comunicação. Mas aquilo que o define é, mais do que a vontade de comunicação, a sua capacidade de significar. É esta característica que o distingue de qualquer texto normal, puramente utilitário. No texto literário não se trata só de comunicar, trata-se acima de tudo de significar (e quanto maior a sua capacidade de significação mais literário ele será). Texto literário é aquele em que a comunicação não se opera e não atua em nível do consciente, mas em outro nível, que podemos chamar simbólico, proveniente de e dirigindo-se ao inconsciente.

Em outro estudo, Todorov (2009), alerta para o perigo de a escola desvalorizar a literatura como conteúdo de aula e como fator essencial para aprendizagem. Ele nos chama a atenção para o perigo da literatura não mais participar da formação cultural do indivíduo, do cidadão.

Segundo Todorov (2009), o perigo está na forma como a literatura é oferecida aos jovens nas escolas. O professor não se preocupa em apresentar aos estudantes a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos. Mas uma preocupação em apenas conceituar as teorias da história literária.

É preciso dar ao aluno a possibilidade de reconhecer na literatura uma oportunidade de leitura de textos que os coloquem em contato com o mundo real, com a vida contemporânea, com a ficção e a imaginação, despertando sentimentos, emoções e encantamento durante a leitura.

Para dar sequência a este estudo, faz-se necessário analisarmos o conceito de literatura fantástica trazendo as contribuições dos principais fundamentadores teóricos que discutem este gênero literário.

A expressão “literatura fantástica” se refere a uma variedade da literatura ou, como se diz normalmente, a um gênero literário. O conceito de fantástico se define pois com relação ao real e imaginário.

Segundo o filósofo e místico russo Vladimir Soloviov (apud TOMACHEVSKI, 1965, p. 288): “No verdadeiro campo do fantástico, existe sempre a possibilidade exterior e formal de uma explicação simples dos fenômenos, mas, ao mesmo tempo,

esta explicação carece por completo de probabilidade interna”. Há um fenômeno estranho que pode ser explicado de duas maneiras: por tipos de causas naturais e sobrenaturais. A possibilidade de vacilar entre ambas cria o efeito fantástico. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural (TODOROV, p.16, 1968).

Em *Le Conte fantastique en France*, Castex (1951,p.8) afirma que “O fantástico [...] se caracteriza por uma intrusão brutal do mistério no marco da vida real”. Louis Vax (1960,p.5), em *Arte e a Literatura fantástica* diz que “O relato fantástico [...] nos apresenta em geral a homens que, como nós habitam o mundo real mas que de repente, encontram-se ante o inexplicável”. Roger Caillois (1965, p. 161), em *Acuerdo Fantastique*, afirma que “Todo o fantástico é uma ruptura da ordem reconhecida, uma irrupção do inadmissível no seio da inalterável legalidade cotidiana”

Portanto, estas três definições são, intencionalmente ou não, paráfrase recíprocas: em todas aparece o “mistério”, o “inexplicável” o “inadmissível”, que se introduz na “vida real”, ou no “mundo real”, ou na inalterável legalidade cotidiana”. Estas definições se encontram globalmente incluídas em que propunham os primeiros autores citados e que implicava já a existência de duas ordens de acontecimentos: os *do mundo natural* e os *do mundo sobrenatural*.

Para corroborar sobre o entendimento sobre literatura fantástica trago Todorov (2014), que nos traz que o fantástico implica, pois, uma integração do leitor com o mundo dos personagens; define-se pela percepção ambígua que o próprio leitor tem dos acontecimentos relatados. Isto resume o espírito do fantástico. Tanto a incredulidade total como a fé absoluta nos levariam fora do fantástico: o que lhe dá vida é a vacilação. A vacilação do leitor é a primeira condição do fantástico. Mas, é necessário que o leitor se identifique com um personagem em particular. O fantástico implica pois não só a existência de um acontecimento estranho, que provoca uma vacilação no leitor e no herói, mas também uma maneira de ler, que no momento podemos definir em termos negativos; não deve ser nem “poética” nem “alegórica”.

Estamos agora em condições de precisar e completar nossa definição do fantástico. Este exige o cumprimento de três condições. Em primeiro lugar, é necessário que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo dos personagens como um mundo de pessoas reais, e a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. Logo, esta vacilação pode ser também sentida por um personagem de tal modo, o papel do leitor está, por assim dizê-lo, crédulo a um personagem e, ao mesmo tempo a vacilação está representada, converte-se em um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com o personagem.

Finalmente, é importante que o leitor adote uma determinada atitude frente ao texto: deverá rechaçar tanto a interpretação alegórica como a interpretação “poética”. Estas três exigências não têm o mesmo valor. A primeira e a terceira constituem verdadeiramente o gênero; a segunda pode não se cumprir. Entretanto, a maioria dos exemplos cumprem com as três.

Nos textos fantásticos, o autor relata acontecimentos que não são suscetíveis de produzir-se na vida diária, se nos atermos aos conhecimentos correntes de cada época relativos ao que pode ou não pode acontecer; assim o Dicionário *Pequeno Larousse* (1997, p.112), o define como aquilo “no qual intervêm seres sobrenaturais: *contos fantásticos*”. É possível, em efeito, qualificar de *sobrenaturais* os acontecimentos; mas o sobrenatural, que é ao mesmo tempo uma categoria literária, não é aqui pertinente.

Portanto, para Todorov (2014), devemos julgar o conto fantástico nem tanto pelas intenções do autor e os mecanismos da intriga, a não ser em função da intensidade emocional que provoca.

Um conto é fantástico, simplesmente se o “leitor experimenta em forma profunda um sentimento de temor e terror, a presença de mundos e de potências insólitas” (p. 16). Os teóricos do fantástico invocam frequentemente esse sentimento de medo ou de perplexidade, que a dupla explicação possível é para eles a condição necessária do gênero. Assim, Peter Penzoldt (1952, p. 9) escreve: “Com exceção do conto de fadas, todas as histórias sobrenaturais são histórias de terror, que nos obrigam a nos perguntar se o que se tomar por pura imaginação não é, depois de

tudo, realidade”. Caillois (1966, p. 30), por sua vez, propõe como “pedra fundamental do fantástico”, “a impressão de estranheza irredutível”.

Enfim, depois de tantas considerações sobre a literatura fantástica encerro com Todorov (2012, p. 76-77):

A Literatura pode nos estender a mão quando estamos deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

À vista disso, para corroborar com as bases teóricas desta pesquisa, foi realizado um levantamento de literatura no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e no *Google Acadêmico*, dos trabalhos publicados entre 2006 a 2023, considerando os trabalhos publicados mais recentemente. Utilizaram-se os descritores “Cultura açoriana em Santa Catarina” e “Franklin Cascaes”.

No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, foram encontradas apenas duas pesquisas referentes a Franklin Cascaes e Cultura açoriana em Santa Catarina, que estão expostas no Quadro abaixo:

Quadro 1- Teses e Dissertações Capes

Ano	Tipo	Referências	Título	Instituição	Sinopse
2011	Doutorado	MEDEIROS, F. E	As dimensões lúdicas da experiência de infância: Entre os registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de Além-Mar	UFSC	A presente pesquisa possui a seguinte "pergunta de partida": que dimensões lúdicas da experiência de infância podem ser evocadas na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de Açores, tendo por referência os registros de brincadeiras e brinquedos contidos na obra de Franklin Cascaes. Metodologicamente, foi delimitado um campo empírico para a memória

					lúdica de infância de velhos moradores da Ilha, tendo na história oral o suporte para o registro dessa memória.
1997	Mestrado	LAGO, J.B.S.F	O embruxamento e a psique masculina na obra de Franklin Joaquim Cascaes.	PUC-SP	Não encontrado o resumo da obra

Fonte: A autora (2023)

No levantamento realizado no Google Acadêmico, foram encontrados 649 trabalhos associados à Cultura açoriana e a Franklin Cascaes. Entretanto, no refinamento da pesquisa, foram selecionados seis trabalhos, considerando a atualidade do objeto analisado pelos pesquisadores e sua relação direta com o objeto de pesquisa deste projeto. O quadro a seguir destaca as respectivas obras.

Quadro 2 – Google Acadêmico

Ano	Tipo	Referências	Título	Instituição	Sinopse
2007	Mestrado	BATISTELA, K	Franklin Cascaes: Alegorias da Modernidade na Florianópolis de 1960 e 1970	UFSC	Em toda cultura popular residem tradições que se sustentam na transmissão às gerações futuras, no compartilhar da experiência de vida dos mais antigos aos mais jovens. Essa experiência é exemplarmente transmitida por narrativas orais, presentes sobremaneira nas sociedades tradicionalmente comunitárias.

					Muito além de um contador de histórias, um folclorista ou um artista, este estudo propõe Franklin Cascaes como o agente que significa uma voz coletiva que tradicionalmente chegaria a nós somente através de experiências orais.
2016	Mestrado	LIZ, P.A.	O Homem das Bruxas: Memórias e Apropriações de Franklin Cascaes	UFF	Franklin Cascaes tornou-se um dos nomes mais importantes no registro das manifestações e tradições culturais de origem açoriana na região de Florianópolis. Seu processo criativo passeia pelas narrativas advindas de suas incursões no interior da Ilha de Santa Catarina, da participação no cotidiano das comunidades, de sua própria memória. Resultado disso são esculturas, desenhos e textos que mostram a vida de uma Florianópolis que Cascaes pretendia preservar, considerando que a perda de suas tradições representasse uma ameaça à identidade coletiva local.

2014	Graduação	PEREIRA, M.S.	Franklin Cascaes e o fantástico na ilha da magia	UFSC	Este trabalho apresenta o entendimento da cultura popular e seu contexto histórico. Faz um levantamento sobre a cultura em Santa Catarina e Florianópolis, enfatizando a cultura de base Açoriana, a partir da vida e da obra de Franklin Cascaes. Através da pesquisa foi possível ver como a cultura local está sendo trabalhada nas escolas de Florianópolis, a partir de entrevistas realizadas com três professoras da rede estadual de ensino. O maior objetivo do trabalho é despertar nas pessoas um sentimento de curiosidade sobre o que é nosso, a nossa cultura, a cultura deste povo Manezinho da Ilha.
2019	Relatório final disciplina de Estágio	MAFESSOL LI, I.A.	Re)Tecendo a Cultura Catarinense: Um Estudo Sobre a Figura das Rendeiras e a Obra de	UFSC	A cultura catarinense é uma parte fundamental e inspiradora do nosso estado. O projeto de docência foi pensado valorizando a cultura catarinense, mais especificamente o que está acontecendo até os dias atuais de forma

			Franklin Cascaes		muito presente em Florianópolis, através de personagens culturais marcantes, literatura e variação linguística, (re)tecendo laços que já foram construídos e tecendo novos laços. O relatório final do estágio docência apresenta, então, os resultados alcançados durante nossa prática pedagógica, colocando o aluno como protagonista dos processos de ensino-aprendizagem, valorizando os laços culturais construídos e refletindo sobre a importância de manter acesa a chama de uma cultura, tão esquecida em alguns momentos, mas que faz parte de uma história muito bonita, construída há anos, desde que Florianópolis ainda era desterro.
2022	Doutorado	ELIAS, R.R.	Discurso, Mito e Imagem: gestos de autoria e narrativa em imagética em funcionamento na mitologia	UNISUL	Acreditamos que, pelo viés imagético, manifestam-se sentidos complexos que necessitam de um olhar metodológico específico, aquele que possibilita um mergulho analítico nos efeitos de sentido autorais. Nesse intuito, como se lida com o subjetivo, pensamos

					na possibilidade de fazer uma análise discursiva do discurso mitológico através de imagens, visando promover uma discussão sobre o funcionamento discursivo-imagético (narratividade imagética) na leitura e interpretação de gestos de autoria em narrativas míticas. Investigaremos, nesse sentido, duas materialidades e seus recortes: J. R. R. Tolkien, com seus elfos e anões; e Franklin Cascaes, com suas bruxas e boitatás. Esse tipo de abordagem requer um procedimento de análise próprio.
2016	Relatório de estágio de docência	DE FREITAS, G.B.S.	Conhecendo Franklin Cascaes – Resgatando a Cultura Ilhéu	UFSC	A temática selecionada entendida como uma necessidade educacional na construção do conhecimento proposto por meio da leitura e produção de resumos, leva em conta o fato de que apesar da estrutura da unidade escolar encontrar-se situada em um local fixo, o ambiente escolar é composto por pessoas de diferentes locais de

					origem, que interagem cotidianamente através das relações sociais postas. Com isso, a construção de um maior entendimento sobre a cultura da cidade, onde nasceram e/ou atualmente residem, revela-se como um item de grande importância no contexto escolar, pois o conhecimento das manifestações culturais locais reflete na compreensão da história que constitui o povo local.
--	--	--	--	--	--

Fonte: A autora (2023)

As pesquisas apresentadas são de extrema relevância para a efetivação de nosso estudo, pois apontam a importância e a necessidade de nos reconhecermos culturalmente e fazer da sala de aula um espaço de desenvolvimento da literatura local, trazendo na memória coletiva um pertencimento àquele local.

Finalmente, pontua-se que no levantamento de literatura da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) não foi encontrada nenhuma pesquisa sobre a temática proposta em nosso estudo, atestando o ineditismo deste trabalho.

2.1 Memória Social e Seus Desdobramentos

Segundo Halbwachs (1990), as memórias são construídas por grupos sociais ao qual pertencemos e estamos inseridos, pois são os sujeitos que lembram, mas são os grupos sociais que apontam o que será lembrado, sendo assim, as memórias individuais e sociais estão conectadas. Ele afirma que a memória coletiva faz parte da memória individual de cada indivíduo para com determinado acontecimento e, segundo Halbwachs (1990, p. 51), “diríamos voluntariamente que cada memória

individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, indicando que podemos perceber a memória reconstruída a partir das vivências em grupo.

Assim, os escritos de Franklin Cascaes configuram uma coletânea de registros de vivências de um povo ribeirinho e esses registros adquiram a função de alicerçar as memórias coletivas. São lugares simbólicos onde essa memória coletiva se expressa e se revela. O livro como patrimônio cultural, carrega memória e identidade que possuem uma conexão devido a fatores como crenças, mitos, representações e saberes, vetores que sustentam o registro que cria e mantém a memória e a identidade que têm no patrimônio cultural sua expressão (CANDAU, 2011).

Maurice Halbwachs (2013), em seu livro póstumo *Memórias Coletivas*, publicado em 1950, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes.

Assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro (HALBWACHS, 2013, p. 29-30)

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Segundo Michael Pollak (1992), em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente e, em segundo lugar, os vividos pelo grupo. Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens, e pelos lugares da memória. Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem ser reais ou tratar da projeção e transferências que podem ocorrer dentro da organização da memória individual ou coletiva. Conforme Pollak (1992, p. 204), a memória é um fenômeno construído consciente ou inconscientemente.

Pode-se dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidades, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Para Pollak (1992), os acontecimentos vividos pelos indivíduos irão formalizar uma constituição individual da memória, justamente com os “vividos por tabela”, ou seja, o que para ele correspondem aos acontecimentos desencadeados pelos grupos a que as pessoas pertencem.

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p. 200)

Nessa perspectiva, o livro *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina (2006)* traz nos contos uma familiaridade identificada pelos descendentes açorianos, mesmo que no decorrer dos tempos essas histórias tenham se transformado ou adquirido novos elementos ou “informações”. São memórias coletivas que ganham vida com o imaginário individual se reinventando a cada geração.

Para Joel Candau (2014, p. 118), a mobilização da memória é a sua transmissão, é a expansão da memória que tem o papel de fixar o passado:

Lugares, escritos, comemorações, monumentos, etc contribuem para a manutenção e transmissão da lembrança de dados factuais: estamos, assim, em presença de “passados formalizados”, que vão limitar as possibilidades de interpretação do passado e que, por essa razão, podem ser constituídos de uma memória “educada”, ou mesmo, “institucional”, e, portanto, compartilhada.

Patrimônio cultural, memória e identidade possuem uma conexão devido a fatores como crenças, mitos, representações e saberes, vetores que sustentam o registro que cria e mantém a memória e a identidade que têm no patrimônio cultural sua expressão (CANDAU, 2011).

2.1.1 A narrativa Açoriana de Franklin Cascaes

Nas narrativas de Franklin Cascaes, escritas entre 1946 e 1975, o autor reproduz traços do inconsciente popular na área da fantasmagoria, relatando casos dramáticos de crenças em boitatás, lobisomens, negrinho do pastoreio e saci-pererê, mas sobretudo em bruxas. Para os relatos, ele se vale amplamente de diálogos travados entre falantes analfabetos ou semi alfabetizados do século XX. Ele se

empenhou por reproduzir os principais traços típicos do falar dos açoriano-catarinenses então nascidos na Ilha: fonéticos, morfossintáticos e léxico-semânticos. Nesse gênero ele foi pioneiro e alcançou sucesso, como evidencia o significativo número de edições da obra. É através da fala, representando o açoriano-catarinense que Cascaes evidenciou uma identidade genuína, própria, dos falantes da comunidade de Desterro.

Conforme Hall (2016, p. 18), “a linguagem é um dos meios através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura”. Sendo assim, é através da linguagem que damos sentidos às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são elaborados. Nos últimos anos, a palavra “cultura” passou a ser utilizada para se referir a tudo o que seja característico sobre o “modo de vida” de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social. Por outro lado, a palavra também passou a ser utilizada para descrever os “valores compartilhados” de um grupo ou de uma sociedade.

O conceito de identidade passa por um processo de construção identitária em que o indivíduo na relação com um grupo em que se encontra, passa a sentir-se pertencente a ele, apropriando-se de suas crenças e de seus valores. Segundo Hall (2005, p. 38), “a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”.

A literatura, como um sistema de representação, se utiliza de “códigos culturais” (sons, palavras, expressões) para construir significados e dar sentido àquilo que queremos dizer e para expressar ou transmitir um pensamento, um conceito, uma ideia ou um sentimento. Conforme Sachet (2012, p. 09), “a identidade entre os produtores da literatura dos catarinenses, segundo os aspectos físicos do território, está marcada por diversidades assemelhadas que podem apresentar como eixos agrupados a geografia, a etnia, a economia e a cultura”.

A literatura regional de Franklin Cascaes traz traços de historicidade cultural, mas ao mesmo tempo uma liberdade na construção de seus contos. Da mesma forma a literatura, que tem mais autonomia em relação à história. Como suporte

produtor de memórias, à literatura é permitido adivinhar os silêncios, os desvios e as lacunas, propositais ou não, da escrita historiográfica. Por apostar no dilema e no paradoxo, o discurso literário abdica da totalidade. Por isso, falhas e rasuras não podem ser vistas como “erros”, mas como instrumentos sem os quais o discurso literário não se construiria em sua ambiguidade e polissemia.

O antropólogo Joël Candau (2014, p. 23) denomina de “memória propriamente dita” ou “memória de alto nível” aquela que essencialmente trata da “recordação ou reconhecimento; evocação deliberada ou inovação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos, etc.).”

O livro materializado carrega com ele as riquezas das palavras escolhidas e distribuídas, a disposição dos contos, os desenhos representativos que Cascaes faz personificando cada estória bem contada e, para os amantes em literatura, o cheiro da folha do papel, que faz aflorar a memória afetiva do momento da contação. Tudo isso guardado ali, na estante da sala.

2.2 Análise a Partir da Perspectiva da Memória Institucional

Pensando como se dá o fenômeno da memória, no contexto institucional, é preciso entender o que vem a ser instituição. As instituições são tomadas como formas fundamentais de saber-poder, que emergem no seio da sociedade e possuem duas faces simétricas: lembrar e esquecer.

Na mitologia grega, **Mnemosine** é a deusa grega da memória. É uma das titânides, que incorporam o grupo de divindades primordiais gregas, filha de Gaia (a Terra) e Urano (o Céu). Os mortos que bebessem da água do seu poço relembavam suas vidas. É a deusa que opera as engrenagens do esquecimento e da lembrança.

É nessa perspectiva mítica de Mnemosine, que as memórias culturais dos açorianos se coadunam com as obras de Franklin Cascaes, nesse movimento de lembrança e esquecimento preenchidos com o imaginário popular durante décadas e reunidos nas suas produções artísticas. Essas, reconhecidas e constantemente expostas para o público.

Diante desse cenário, surge a preocupação de preservar tudo o que foi produzido. E, por intermédio do então historiador Gelci José Coelho, conhecido também como Peninha, iniciam-se as tratativas junto à Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – para a acomodação de todo o acervo de Franklin Cascaes. Nereu do Vale Pereira, que havia sido aluno de Cascaes no ano de 1942, e por quem nutria grande admiração por se dedicar aos hábitos e costumes populares dos portugueses, em especial ao povo açoriano, também auxiliou a mediar a transferência do acervo para a UFSC juntamente com Peninha, tornando esse movimento viável. No ano de 1974, por intermédio de um convênio entre a Prefeitura de Florianópolis e a UFSC, Cascaes passou a atuar no Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral e seu acervo transferido para lá, recebendo oficialmente o nome de “Acervo Elizabeth Pavan Cascaes,” em homenagem a sua esposa, no ano de 1981, onde se encontra até os dias atuais, compondo a memória dessa instituição.

Thiesen Magalhães Costa (2013), ao tratar sobre memória institucional em sua tese de doutorado *Memória institucional*, afirma que a relação da instituição com a sociedade “reflete as formalizações das culturas, daquilo que as diferentes sociedades cultivam como maneira de pensar: hábitos, usos, costumes, comportamento, etc.” Tudo isso mostra a importância de se ter registro, uma memória. Assim sendo, o Museu da UFSC, ao tomar a decisão de trazer todas as produções artísticas e todas as pesquisas de Franklin Cascaes sobre a colonização do povo açoriano no sul de Santa Catarina, traz para si o compromisso de resguardar e preservar a memória e a cultura dessa gente. Tal como um guardião responsável em dar e prorrogar a vida aos acervos que se encontram no museu.

Costa (1997, p. 282) define “[...] a memória como um elemento primordial no funcionamento das instituições”. É por meio da memória que as instituições se reproduzem no seio da sociedade [...]. Diante dessa tessitura, é importante conhecer um pouco sobre a trajetória do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, da Universidade Federal de Santa Catarina (MARquE/UFSC). Segundo o site da UFSC, o museu tem sua origem no Instituto de Antropologia, criado em dezembro de 1965. Até 1968 este Instituto funcionava junto ao Curso de História da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da UFSC. Em 29

de maio desse mesmo ano foi inaugurada a sede própria do Instituto de Antropologia o qual era composto pelas divisões de Arqueologia e Antropologia Física e Cultural.

A Reforma Universitária, implantada na UFSC na década de 1970, implicou a transformação do Instituto de Antropologia em Museu de Antropologia. Esta alteração na nomenclatura não afetou o exercício das atividades de pesquisa que continuavam sendo prioritárias, porém tendo que assumir definitivamente a exposição do acervo, atendendo aos objetivos: extensão e ensino. Em 1978, o Museu de Antropologia é transformado em Museu Universitário.

A partir desse momento, o Museu passa a ser uma instituição voltada exclusivamente para a guarda de acervo. Em 1991, após ampla discussão interna, foi formado o Corpo Técnico-Científico que elaborou o novo regimento interno objetivando, a priori, sedimentar o tripé pesquisa, ensino e extensão como forma de atuação de um Museu com um caráter eminentemente antropológico. Em maio de 1993, o Museu completou vinte e cinco anos de existência e passou a ser denominado Museu Universitário “Oswaldo Rodrigues Cabral”, em homenagem a seu idealizador, fundador e primeiro diretor.

Para Andrade (2002, p. 56), o objeto das investigações macro institucionais são os processos de institucionalização que visam aos ambientes “exógenos” da organização, que reforçam sua legitimidade e sobrevivência. Na Universidade UFSC, esta abordagem interessa à análise dos ambientes voltados às atividades-fim, tal como o Museu Universitário.

E garantindo sua legitimidade e sobrevivência, no ano de 1979, o Museu da UFSC, por intermédio de Peninha (museólogo e historiador), iniciou um intenso processo de seleção das histórias contadas por Franklin Cascaes para a publicação do livro “O fantástico na Ilha de Santa Catarina”, que reúne 14 contos e alguns dos desenhos feitos por Cascaes, onde a linguagem do texto chamou atenção, fugindo da linguagem formal e trazendo aos leitores o modo peculiar dos antigos habitantes da capital catarinense se comunicar. Atualmente, a obra foi ampliada para 24 histórias, sendo referência na literatura catarinense. Inicia assim, a importância do compromisso do Museu universitário com os açorianos-catarinenses para que as gerações posteriores tivessem contato com a cultura memorial representada pela literatura.

Para Thiesen (2013), a imagem pessoal e do outro formam a Memória Institucional, pois as instituições em si não possuem memória, são os sujeitos que a constroem, eles a validam coletivamente como bem social, pois experiências, ações e conquistas em benefício da construção da sociedade institucionalizam-na e a perpetuam.

3 PROPOSTA DE PRODUTO FINAL

O produto final do mestrado é uma proposta de capacitação os professores de língua portuguesa dos 9ºs anos da rede estadual de ensino da cidade de Araranguá.

A Oficina de capacitação se vale do conceito de açorianidade, presente nas produções literárias de Santa Catarina e tendo como referencial a obra “O Fantástico na Ilha de Santa Catarina” de Franklin Cascaes, transpondo-as para a sala de aula da Educação Básica. Especificamente, busco: trabalhar a literatura catarinense com os professores da Educação Básica; oferecer-lhes a oportunidade de entrar em contato com um autor que se constitui como sujeito histórico relevante na construção de determinado discurso sobre a gênese de elementos culturais, rememorados de geração em geração, os quais constroem atributos da chamada açorianidade, ou seja, identidade construída junto aos catarinenses remetendo à chegada e ocupação de parte do território de Santa Catarina por ilhéus vindos das ilhas do arquipélago dos Açores durante o século XVIII. A literatura, especialmente a produzida por Franklin Cascaes, que reuniu contos fantásticos com expressões peculiares dos açorianos, propiciou um reconhecimento identitário entre os habitantes do litoral de Santa Catarina. Carregados de crendices, rezas, benzeduras, bruxas, boitatás e lobisomens, fazem-nos transcender numa viagem na qual o imaginário se aglutina com lembranças narradas por gerações durante décadas. Registradas entre 1946 e 1975, reproduzem traços do inconsciente popular na área da fantasmagoria, relatando casos de crenças em bruxas, a cujos malefícios, sujeitos de muitas gerações debitaram a agressividade de fenômenos naturais, deficiências na área da saúde e anomalias hereditárias. Cascaes valeu-se, amplamente, de diálogos travados entre falantes analfabetos ou semi-alfabetizados do século XX. Ele se empenhou por reproduzir os principais traços típicos do falar dos açoriano-catarinenses.

O Produto

A Oficina literária, ocorrerá no auditório da Coordenadoria Regional de Educação de Araranguá, das 13h às 17h, ministrada pela mestrand Luciana Costa Martinelli. Ela é destinada aos professores de Língua Portuguesa dos 9ºs anos das dezesseis escolas da rede estadual de educação do município de Araranguá. Esses profissionais não recebem formação há mais de 8 anos e estão carentes de ideias que criem um ambiente motivador em sala de aula. Nessa oficina será trabalhado com os professores a iniciação da disciplina de literatura. A proposta é de trazer a literatura com traços de açorianidade, que faz parte da cultura do litoral de SC, para sala de aula para que o aluno crie uma identificação e perceba a literatura como parte viva da escrita artística.

Para execução da Oficina será necessário um auditório arejado com capacidade para 50 pessoas, cedido pela Coordenadoria Regional de Educação de Araranguá. Precisar de eletrônicos como: uma caixa de som, microfone, data show, notebook e pendrive. Serão necessários alguns materiais de expediente para uso pedagógico como: Folhas A4, Pastinhas, canetas e crachás. Terão de ser contratados serviços de uma padaria para fornecer café aos profissionais.

O recurso utilizado para execução do produto foi conquistado através de parcerias e patrocínios com a CRE - Coordenadoria Regional de Educação de Araranguá. A oficina estava agendada para acontecer em novembro de 2023, porém com as fortes chuvas que provocaram enchentes e deslizamentos na região do extremo sul de Santa Catarina, foi cancelada.

SERVIÇO	CUSTO	FINANCIAMENTO	OBS
Locação do espaço para 50 pessoas	R\$ 200,00	Cedido pela Coordenadoria Regional de Educação de Araranguá	
Locação de Equipamentos eletrônicos (Caixa de som, microfone, data show, notebook e pen drive)	R\$ 1.000,00	Cedido pela Coordenadoria Regional de Educação de Araranguá	

Aquisição de material de expediente (Folhas A4, pastinhas, canetas, cartolina, canetão e crachás)	R\$ 1.000,00	Busca de patrocinadores	
Palestrante (4h de R\$100,00)	R\$ 400,00	Autora	
Coffee Break para 50 pessoas a R\$10,00)	R\$ 500,00	Busca de patrocinadores	
TOTAL	R\$ 3.000,00		

Fonte: A Autora (2023)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do tempo, o ensino de literatura tem dado mais atenção ao autor e sua obra relacionando-a à escola literária a que pertence. Com isso deixam a relação autor e leitor de lado. Essa relação é um importante meio de aprendizagem, na medida em que torna possível ampliar a visão de mundo e vivenciar emoções novas e aprender a superá-las em situações reais de mesmo nível. Segundo Benjamin Abdala Junior (2003,p.14),

A história literária faz-se de impactos sobre o leitor, de forma análoga aos motivos de sedução do canto épico. Sensibiliza aqueles que têm ouvidos e que aceitam o desafio. [...] Autores e obras também constroem seus espaços de intersecção. Contexto e ruptura, formas previsíveis e imprevisíveis, redundância e informação nova. [...] Na literatura, como noutras séries de nossa cultura, temos repertórios dessas formas que provocam impactos. São experiências da práxis social que podem ser atualizadas, transformadas.

É este impacto sobre o aluno da educação básica que fará dele um leitor proficiente e capaz de compreender os obstáculos e entraves da vida. Para isso a história da literatura precisa ser tratada em sala de aula como um espaço plural, com possibilidades de leituras e releituras do texto literário.

Assim, trazer textos de Franklin Cascaes que utilizou todo o seu talento e criatividade para registrar e transmitir através da escrita e do desenho, o legado açoriano juntando cacos de um patrimônio cultural que se fragmentava e deixando a salvo muito da memória da cultura popular, é de suma importância para o estudo de literatura em sala de aula.

Esse autor, por mais de trinta anos, recolheu histórias e estórias, num persistente trabalho de rabiscar a mitologia, desenhar a bico-de-pena cenas do cotidiano, crenças e costumes, histórias de bruxarias e magias, na busca do entendimento da rica cultura popular da Ilha de Santa Catarina.

Nessa perspectiva, trabalhar a literatura com textos em que se possam reconhecer elementos que fazem parte da cultura de nossa cidade, que ressaltem as memórias passadas de geração em geração e ainda divertir durante a leitura é o mínimo que podemos fazer para alcançarmos o objetivo de contribuir na formação de leitores. O encantamento, a imaginação, a diversão e a identificação são atributos essenciais para o ensino de literatura.

Sendo assim, esta pesquisa possibilitou vislumbrarmos por meio da literatura fantástica a contribuição da cultura açoriana na formação da identidade

do povo catarinense. A execução do produto final através de uma oficina aplicada na Educação Básica ao corpo docente araranguaense trará bastante motivação aos professores e a possibilidade de desenvolver em seus respectivos currículos estratégias pedagógicas para a valorização das memórias e da história local por meio da literatura.

Portanto, este trabalho abre espaço para outros pesquisadores lançarem novas propostas de aprendizagem na literatura catarinense com a finalidade de analisar, refletir e conhecer a contribuição de nossos antepassados na construção da memória e da história de nossa região.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas/SP: Unicamp, 2011.
- BARRANCO, Justo. **O assassinato da literatura, segundo Todorov**. UOL: mídia global, Barcelona, 3 dez. 2007. (Notícias – Especiais). Disponível em: . Acesso em: 6 dez. 2013.
- BATISTELA, Kellyn. **Franklin Cascaes: Alegorias da Modernidade na Florianópolis de 1960 e 1970**. Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis, 2007.
- CAILLOIS R., **Au cœur Du fantastique**, Paris, Gallimard, 1965. —, *Images, images...*, Paris, Corti, 1966.
- CANDAU, Joel; FERREIRA, Maria Letícia. M. Mémoire et patrimoine: dès récits et dès affordances Du patrimoine. **Educar em Revista**, n. 58, p. 21-36, 11 out. 2015.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e cultura. v. 24, n. 9. São Paulo: USP, 1972.
- _____. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Ouro sobre azul, 2006.
- CAILLOIS R., **Au coeur Du fantastique**, Paris, Gallimard, 1965.
- CASCAES, Franklin. **Vida e arte - e a colonização açoriana**. Entrevistas concedidas e textos organizados por Raimundo C. Caruso. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981.
- CASCAES, Franklin. **O fantástico na ilha de Santa Catarina**. 1 ed., 2ª impressão. Florianópolis: Ed. da UFSC, 272 p., 2015
- CASTEX P.-G. (éd.), **Anthologie du conte fantastique français**, Paris, Corti, 1963.
- CENTENO, Y. K., **A Alquimia do Amor**, Lisboa, Regra do Jogo, 1986.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A., 1955.
- DEAL, Terrence, KENNEDY, Alan. **Corporate Culture: The Rites And Rituals of Corporative Life**, Massachusetts: Addison-Wesley, 1982.
- FERREIRA, S. L. **Vinda dos açorianos para Santa Catarina: migração**,

povoamento, ocupação, colonização ou epopéia?. 2008. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

FILION, L. J. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. **Revista de Administração de Empresas**, v.39, no.4, São Paulo, Out./Dez, p. 6-20, 1999

FISCHLER, Claude. Food, Self and Identity. **Social Science Information**, v. 27, n. 2, p. 275-292, Londres, 1988.

FREITAS, Maria Ester. **Alguns elementos da cultura. In Cultura Organizacional, formação, tipologias e impacto**. São Paulo: Makron Books, 1991.

FREITAS, Maria Ester de. **Cultura organizacional: formação, tipologias e impacto**. São Paulo: Makron/ McGraw-Hill, 1991 a.

FREITAS, Maria Ester de. **Cultura organizacional: identidade, sedução e carisma?** 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FREITAS, Maria Ester de. **Cultura organizacional: evolução e crítica**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

FRYE N., **Anatomy of Criticism**, New York, Atheneum, 1967.

_____, **The Educated Imagination**, Bloomington, Bloomington University Press, 1964.

GARCIA, José Martins, **Katafaraum é uma nação**, Lisboa, Assírio e Alvim, 1974.

_____, **Alecrim, alecrim aos molhos**, Lisboa, Ed. Afrodite, 1974

GARCIA, Rosa Wanda Diez. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. **Revista de Nutrição**, v. 16, n. 4, p. 483-492, Campinas, out./dez., 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBOLD, Paulo. **A História de Araranguá**. C. atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá. [s.n] 2005. 311p.

KILPP, Mariana Silva. **O universo alimentar do açoriano-catarinense no livro O Fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Revista Santa Catarina em História, Florianópolis, v.16,n.1-2, p.56-70, 2022.

LACERDA, Eugénio Pascele, 2003, **O atlântico açoriano**. Tese (Doutoramento em

Antropologia Social) – Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, http://www.musa.ufsc.br/docs/eugenio_tese.pdf (acedido em 25/09/2010)

LÉTOURNEAU, Jocelyn. **Ferramentas para o pesquisador iniciante**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

LINO, Jaisson Teixeira. **Arqueologia Guarani na Bacia Hidrográfica do rio Araranguá, Santa Catarina**. Dissertação de mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

MACHADO, Denise Del Prá N. **Inovação e cultura Organizacional dos elementos culturais que fazem parte de um ambiente inovador**. São Paulo: FGV, 2004. 185 p. Tese (Doutorado em Administração). Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: **teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NEMÉSIO, Vitorino, “**Literatura açoriana**”, *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 6 de julho, 1923.

_____, **O açoriano e os Açores**, Porto, Renascença Portuguesa, 1929.

_____, “**Açorianidade**”, *Revista Insula*, número 7-8, Ponta Delgada, 1932.

PENZOLDT P., **The Supernatural in Fiction**, Londres, Peter Nevill. 1952.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v.5 n. 10, 1992, p.200-212.

ROCHA, Alexandre. Artesanato de Ilhas, Hercílio Luz e Morro Agudo: **um pouco da história do artesanato em exposição**. Fundação Cultural de Araranguá, 1994, p. 01-05.

SACHET, C. **A Literatura dos catarinenses: espaços e caminhos de uma identidade: poema, prosa, teatro**. Florianópolis: Unisul, 2012.

SANTA CATARINA. **Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense**— Formação Geral Básica. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. 2019.

_____. **Currículo Base do Ensino Médio do Território Catarinense**: Caderno 2 – Formação Geral Básica. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. 2020.

SOUSA, Rosa Maria Martins Gomes de. **Alimentação e culinária na cultura dos descendentes de açorianos em Santo Antônio de Lisboa – Florianópolis (Ilha de Santa Catarina – Brasil)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social e Cultural), Universidade de Lisboa, 2010.

SOUZA, Evandro André de. **Franklin Cascaes: uma cultura em transe**. Dissertação (Mestrado em História), UFSC, 2000.

SOUZA, Gabriel Cruz De. **As Artesãs Irmãs Souza: visualidade e arte popular em Santa Catarina Araranguá**, 1980). Dissertação de Conclusão de Mestrado no PPG em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação, pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis: UDESC, 2017.

THIESEN, I. **Memória institucional**. João Pessoa: Editora UFPB, 2013. 312p

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

TODOROV, Tzvetan, **Os Gêneros do Discurso**, Lisboa, Edições 70, 1978.

TOMACHEVSKI B., «Thématique», in: **Théorie de littérature**, Paris, Ed. du Seuil, 1965.

VANOYE, Francis, **Usos da Linguagem**, 8ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 1991.

VAX L., **L'Art et La Littérature fantastique**, Paris, P.U.F. (coll. «Que sais-je?»), 1960.* O Vraisemblable (Communications, 11), Paris, Ed. du Seuil, 1968.

VERÍSSIMO, José. **Que é Literatura?** E outros escritores. São Paulo: Landy Livr. Ed. E Distr. Ltda, 2001.